

MEMÓRIAS ESCOLARES DE ADULTOS E IDOSOS DA COMUNIDADE RENASCIMENTO DOS NEGROS - IRAQUARA / CHAPADA DIAMANTINA-BA¹

Gilvanete Souza de Jesus²

RESUMO

Este estudo apresenta narrativas de memórias dos percursos escolares vivenciados por cinco estudantes egressos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Comunidade Renascimento dos Negros, localizada no Município de Iraquara – Chapada Diamantina/Ba. Neste sentido a questão investigativa se delineia em: Quais são as memórias escolares de adultos e idosos da Comunidade Renascimento dos Negros em Iraquara? Como Objetivo Geral propõe: Apreender a partir das narrativas, as memórias de adultos e idosos da Comunidade Renascimento dos Negros sobre seus percursos escolares. A metodologia alicerçada na abordagem qualitativa, utilizou a entrevista narrativa semiestruturada como técnica de coleta de dados, aplicada a cinco moradores da Comunidade, estudantes da EJAI. Os resultados apontam desafios e motivações nas trajetórias dos sujeitos da pesquisa, saberes apreendidos, interrupções e retorno a escola. Conclui que é necessário pensar um currículo que dialogue com a realidade dos/as estudantes, tomando como referência, políticas educacionais que considerem efetivamente a diversidade evidenciada por esta modalidade de educação.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola Renascimento dos Negros; educação de jovens e adultos - Iraquara (BA); memória coletiva.

ABSTRACT

This study presents narratives of memories from the educational journeys of five students who graduated from the Youth, Adult and Elderly Education program (EJAI) in the Renascimento dos Negros Community, located in the municipality of Iraquara – Chapada Diamantina/BA. In this sense, the research question is: What are the school memories of adults and elderly people from the Renascimento dos Negros Community in Iraquara? The general objective is to understand, through narratives, the memories of adults and elderly people from the Renascimento dos Negros Community about their educational journeys. The methodology, based on a qualitative approach, used semi-structured narrative interviews as a data collection technique, applied to five residents of the Community who were students of the EJAI program. The results point to challenges and motivations in the trajectories of the research subjects, knowledge acquired, interruptions, and return to school. It concludes that it is necessary to consider a curriculum that engages with the reality of the students, taking as a reference educational policies that effectively consider the diversity evidenced by this educational modality.

Keywords: Quilombola Community Renascimento dos Negros; education of young people and adults - Iraquara (BA); collective memory.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida.

² Graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

1 REFLEXÕES INICIAIS

Ao falarmos de pessoas adultas ou idosas, logo imaginamos que estas possuem uma longa história de vida, com experiências e aprendizados adquiridos e acumulados no transcurso da sua caminhada. Nesse sentido, ao pensarmos na educação formal para estas pessoas, é importante considerar a busca por “[...] novas palavras, não para colecioná-las na memória, mas para dizer e escrever o seu mundo, o seu pensamento, para contar sua história” (Freire, 2014, p. 16), que se entrelaçam a outros conhecimentos e aprendizagens. O que sem dúvida promoverá a valorização de suas identidades e a transformação social.

A educação é tida como um meio de produzir conhecimentos, não só em relação a atualidade mas em diálogo com todo o processo da vida humana. Assim, a Educação para adultos e idosos é de suma importância, pois enquanto sujeitos constituintes de uma sociedade que não é estável, precisam estar “atualizados” e “inseridos” neste mundo de mudanças, levando em consideração sua ‘bagagem’ e seu ‘acervo’ de vida. O que poderá oportunizar o aprimoramento de suas habilidades, o compartilhamento de informações, a construção e socialização de conhecimentos, significação e ressignificação de saberes vivenciados. Enfim, o acesso a educação irá lhes proporcionar aproximação com informações no que diz respeito à saúde, direitos, políticas públicas bem como outras áreas importantes da vida.

Ao considerar estas reflexões iniciais, é importante destacar a minha motivação para realizar o presente estudo sobre as *Memórias Escolares de Adultos e Idosos da Comunidade Quilombola Renascimento dos Negros em Iraquara-BA*. No âmbito pessoal minha motivação se deu pela minha pertença à essa comunidade desde a infância e pelas vivências experienciadas. No campo acadêmico, a pesquisa se impõe pela minha formação como futura pedagoga e interesse em saber até que ponto a educação formal pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento de pessoas adultas e idosas, em sua maioria, trabalhadoras e trabalhadores da agricultura, enquanto sujeitos históricos de uma determinada cultura.

Como nativa e moradora desta comunidade, foram muitos os momentos em que pude observar as dificuldades de acesso e a precarização da educação para pessoas mais velhas que não tiveram acesso ao ambiente escolar no período da juventude. Na minha infância, ouvia com frequência as pessoas mais velhas dizerem: “não sei ler e escrever”, “até conheço as letras, mas não sei o que está escrito”, “não aprendi quando era jovem, depois de velho não aprendo mais não” ou “já estou nessa idade, estudar pra quê”. Estas expressões, carregam histórias e realidades de vida muito semelhantes, de pessoas que não tiveram condições de acesso à escola, por serem obrigadas a abandoná-la para trabalhar na roça e ajudarem suas famílias. Pessoas que

não tinham condições financeiras, sendo provedor/a e a única fonte de renda para sustento, provinha do cultivo da terra e a colheita que produziam no campo.

Aos oito anos de idade, completados em 2008, me recorde da implementação na comunidade do Programa Especial de Alfabetização de Adultos - Todos Pela Alfabetização (TOPA)³, iniciado na Bahia em 2007, com o objetivo de alfabetizar pelo menos um milhão de baianos com mais de 15 anos de idade até o ano de 2010. A comunidade não tinha um espaço adequado para o desenvolvimento das atividades propostas pelo Programa, e nesse sentido, as aulas aconteciam no período noturno, numa casa abandonada próximo à minha residência. Cabe salientar que a estrutura e as condições materiais ofertadas as/aos estudantes não eram as mais apropriadas. Meus pais foram estudantes do Topa e sempre me levavam junto com eles. Assim, pude acompanhar algumas aulas e percebia a desmotivação em algumas pessoas, o sono e o cansaço do trabalho.

Estas vivências na comunidade, me fazem lembrar do documentário “40 Horas na Memória: Resgate da Experiência dos alunos de Paulo Freire em Angico/RN”, que assisti quando cursava o componente curricular Educação e Ensino de EJA nos Países da Integração. Nele há relatos de estudantes, suas histórias e como tiveram acesso à educação, entendendo-a como uma ação emancipadora. O curta é ambientado nas residências de cada participante, como forma de resgatar a memória por meio da oralidade de pessoas que foram alfabetizadas através do método criado por Paulo Freire, que tinha como base a realidade de vida dos/as trabalhadores/as. Tinha como propósito uma educação crítica, dialógica e transformadora, que permitisse às pessoas se descobrirem como seres criadores e cidadãos de direito e deveres.

Na Comunidade Quilombola Renascimento dos Negros, muitas pessoas adultas e idosas ainda não sabem ler e escrever o próprio nome, e isso é preocupante, especialmente quanto a necessidade de se inserirem em determinados ambientes sociais que exigem estas habilidades. O que pode desencadear sentimentos de incapacidade e inferioridade. Paulo Freire (2022) aponta a necessidade do processo de alfabetização se construir numa perspectiva crítica, no sentido de produzir conhecimento não apenas através do que é apresentado pelo/a professor/a, mas também por tudo aquilo que é produzido e trazido pelos/as estudantes,

³ O Programa Todos pela Alfabetização (TOPA) destacou-se dentre algumas políticas públicas de educação, por sua efetividade em uma ação que teve como objetivo atender um contingente populacional analfabeto, a fim de erradicar o analfabetismo no Estado da Bahia/Brasil. O programa estadual buscou reduzir em no mínimo 50% o número de adultos analfabetos. A prioridade atendeu a 38 municípios da região de produção do sisal e no semiárido baiano. Para estimular os municípios a participarem do programa, o governo do estado lançou o Prêmio Cosme de Farias, em que seriam reconhecidas as prefeituras que mais reduzissem os índices de analfabetismo. O percentual de adultos que não sabiam ler nem escrever na Bahia chegava a 18,8%, quase o dobro da taxa nacional. Dados recolhidos no sítio eletrônico do Ministério da Educação. Disponível em: [Bahia lança programa de alfabetização de adultos - MEC](#). Acesso em: 16 maio 2024.

ênfatizando as relações que articulam o econômico, o cultural, o político e o pedagógico. Ressalta ainda, que a prática pedagógica crítica é uma forma de libertar a memória, fazendo emergir a subjetividade de cada um(a) e promovendo a reflexão sobre sua história de vida.

Compreendemos que as trajetórias escolares de pessoas adultas e idosas da Comunidade Renascimentos dos Negros, são impregnadas de sentidos, trazem uma bagagem de saberes e conhecimentos que precisam ser considerados e validados, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade e conseqüentemente da sociedade. Desta forma, é importante que as suas falas reverberem as suas histórias, narradas através de suas memórias, impressões e sentimentos.

Diante destas reflexões, emerge a questão investigativa deste estudo: Quais são as memórias escolares de adultos e idosos da Comunidade Renascimento dos Negros em Iraquara? Com vistas a responder tal inquietação, propomos como Objetivo Geral: Apreender a partir das narrativas, as memórias de adultos e idosos da Comunidade Renascimento dos Negros sobre seus percursos escolares. Para o alcance desta intenção maior, os Objetivos Específicos são: a) Refletir sobre aspectos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil; b) Compreender a relação entre memória e narrativa; c) Analisar a partir da narrativa oral, as memórias escolares de um grupo de adultos e idosos da comunidade.

A pesquisa trilha o caminho da abordagem qualitativa de natureza exploratória pois busca apreender “[...] opiniões, atitudes, comportamentos a respeito de uma temática, o que é vivenciado e transmitido ao pesquisador, preocupando-se com os significados e motivos pelos quais algo ocorre” (Gil, 2017, p. 89). Neste sentido, consideramos a subjetividade que emergiu através das memórias e experiências vividas pelos moradores entrevistados desta comunidade quilombola, situada na zona rural do município de Iraquara-BA. Para tanto, utilizamos como técnica de coleta de dados, a entrevista semiestruturada, por permitir uma maior diversidade de informações e dados que colaborem com o estudo.

Quanto a estrutura, o artigo foi organizado as seguintes seções: Na Introdução, a qual denominamos de seção um trazemos a discussão preliminar do tema em diálogo com a justificativa, os objetivos geral e específicos, breve descrição metodológica. Na seção dois, apresentamos reflexões históricas e legais sobre a EJAI. Na seção três, discorremos sobre a articulação entre a memória e a narrativa de vida. Os caminhos percorridos pelo estudo são apresentados na seção quatro, bem como o perfil os/as participantes e o lócus da investigação. Na seção cinco, analisamos e discutimos as narrativas dos/as estudantes da EJAI da Comunidade Renascimento dos Negros. Por fim, nas considerações finais buscamos responder aos objetivos e o que foi alcançado pelo estudo.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: BREVES REFLEXÕES

A educação tem um papel fundamental na formação do sujeito, ao possibilitar meios e estratégias, não só enfatizando o domínio cognitivo, afetivo e social, mas que dialogue com a pessoa, para que possa lidar com as adversidades e situações da vida, fornecendo subsídios para uma formação ética, digna e solidária. Para Almeida (2019), a concretização do direito humano à educação se faz pela igualdade nas oportunidades e condições de acesso ao sistema escolar e ao ensino de qualidade, que busque superar efetivamente as condições que geraram a exclusão.

No que se refere a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), enquanto modalidade da Educação Básica, é importante destacar que ao longo da história, foram muitas as marcas imprimidas e sofridas pelas desigualdades e desvalorização. De acordo com Alvarenga (2016, p. 02), “[...] em sua complexidade histórica, política e social, a EJAI acusa os efeitos das desigualdades sociais produzidas pelo modelo de desenvolvimento econômico estruturalmente excludente em que vivem milhões de brasileiros [...]”. Para a autora, o contexto da sociedade brasileira capitalista, compreendia que a educação para estas pessoas, seria estritamente para incluí-las no mercado de trabalho; o que tornava invisível o princípio da educação como direito assegurado constitucionalmente.

Di Pierro (2005, p. 117) destaca que a partir da década de 1960, surge no Brasil movimentos de educação e cultura baseados nos princípios da Educação Popular, proposta pelo educador Paulo Freire, e com foco nas “[...] experiências de alfabetização de adultos orientadas a conscientizar os participantes de seus direitos, analisar criticamente a realidade e nela intervir para transformar estruturas sociais injustas”. De acordo com a autora, Freire defendia que a educação deveria preparar o homem não apenas tecnicamente para atender as demandas do mercado de trabalho e as necessidades da sociedade, mas para a conquista da liberdade. Nesse contexto, criou o Plano Nacional de Alfabetização em 1964, asseverando que a educação deveria validar as experiências de vida dos educandos, partindo da realidade concreta vivenciada por eles.

Entretanto, o Golpe Militar, aboliu as ideias de Freire e de forma ditadora, implantou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), para que os/as estudantes aprendessem a ler e a escrever, sem uma preocupação maior com a sua formação. Posteriormente, a escolarização básica para discentes da EJAI, passou por uma reforma institucional da qual decorreu a promulgação da LEI 5.692/71 que regulamentou o ensino supletivo com o objetivo de escolarizar o maior número de pessoas possíveis, tendo que satisfazer as necessidades de um mercado de trabalho bastante competitivo, com exigência de escolarização cada vez maior.

Uma proposta restrita a reposição de conhecimentos às pessoas que não estudaram na idade própria, atendendo à necessidade de uma sociedade em processo de modernização, sem contudo considerar as especificidades e experiências de vida dos jovens, adultos e idosos.

Durante a década de 80 o Mobral foi substituído pela Fundação Educar, possibilitando que as atividades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) fossem ampliadas. Com o movimento de redemocratização do país e a promulgação da Constituição Federal (1988), a educação passa a ser garantida a todos como um direito público com vistas a “[...] efetivação da democracia educacional, não apenas para as crianças, mas principalmente para jovens e adultos, inaugurando uma nova história na educação brasileira” (Paiva, 2009, p. 133).

Com a promulgação da LEI 9394 em 1996, houve um avanço significativo para a EJAI, a qual passou a ser considerada como uma modalidade da educação básica, nas etapas do Ensino Fundamental e Médio. Em seu Art. 37, dispõe que:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento (Brasil, 1996).

É evidente o que é disposto pela referida Lei quanto a obrigatoriedade dos sistemas de ensino, em implantar e disponibilizar a educação formal para esta camada da população, instigando a luta por políticas públicas, com vistas a real visibilidade e efetivação de direitos a educação. Uma vez que ao longo da história, a EJAI era compreendida somente como uma forma de inclusão no mercado de trabalho, invisibilizando e marginalizando o princípio educativo.

Ainda quanto aos aspectos legais, a Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, e considera que os/as jovens, adultos e idosos precisam ter seus saberes e experiências valorizadas. Neste sentido as DCN determinam que a EJA seja pensada como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos. Desta forma, deve ser "uma promessa de qualificação de vida para todos, inclusive para os idosos, que muito têm a ensinar para as novas gerações” (Brasil, 2000).

Cabe destacar o espaço conquistado pela EJAI na agenda dos governos, a partir da atuação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), do

Ministério da Educação (MEC), que tem implementado as políticas para este público. Neste sentido, as iniciativas e projetos buscam o reconhecimento, o acolhimento e a valorização da diversidade dos/as estudantes, como sujeitos identidades de classe, cultura, gênero, raça e geração.

Na visão de Di Pierro (2005), uma das consequências do reconhecimento da diversidade dos educandos EJAI, é a admissão da heterogeneidade de suas necessidades de aprendizagem, motivações e condições de estudo, o que implica a estruturação de formas de atendimento diversificadas e flexíveis, capazes de acolher diferentes percursos e ritmos formativos. A flexibilidade na organização dos tempos e espaços de ensino e aprendizagem parece ser a chave para caracterizar as propostas pedagógicas inovadoras para este público, ao lado da criteriosa seleção de conteúdos curriculares conectados ao universo sociocultural dos estudantes, com apoio de recursos didáticos em linguagem apropriada.

No bojo destas reflexões, cabe trazer a Resolução nº 01/2021 de 25 de maio de 2021 que Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. Acerca destas diretrizes, o estudo apresentado por Dantas, Palhares e Silva (2022), aponta fragilidades na proposta para a EJAI, a saber: a negação das lutas históricas da EJA, a falta de participação popular na construção, o teor mercadológico do documento, a disseminação do ensino acrítico, a exclusão dos marginalizados pelo sistema, negação da diversidade e das desigualdades sociais e a redução da atuação docente no incentivo de práticas tecnicistas.

Compreendemos que a educação destinada aos jovens, adultos e idosos, desde o princípio foi imposta como interesse da elite em querer controlar e impor seus princípios para um povo que já tinha sua história de vida, sua cultura, que não foram levados em consideração, como também programas mal organizados. Muito ainda precisa ser feito para garantir a continuidade desses programas, principalmente no que diz respeito à formação docente, bem como a inclusão, de fato, dos jovens e adultos no sistema nacional de ensino.

3 MEMÓRIA E NARRATIVA: REFLEXÕES QUE SE ENTRELAÇAM

Em um sentido mais amplo a memória pode ser conceituada como a capacidade mental, cuja função é codificar, armazenar e recuperar informações. Kenski (1994) defende que a memória é um processo de construção que comporta e está atravessado por uma diversidade de

influências, marcos simbólicos e necessidades do presente. Para a autora, quando narramos as nossas histórias, temos a possibilidade de reconceitualizarmos o passado, a partir de um olhar que reside no presente. A memória oportuniza que fatos, vivências e imagens carregadas de significados e representações, sejam reinterpretadas por meio da rememoração.

A partição das lembranças não segue o tempo mensurável do relógio. [...] o ciclo temporal é comum a todos: vivemos a noite, as semanas, os meses... Mas, os períodos da vida, quando lembrados, não são proporcionais na narrativa ao tempo cronológico. A lembrança revela o que foi empobrecedor e o que foi enriquecedor, e revela, sobretudo, aquilo que marcou nossa experiência de vida (Lobato, 2014, p. 69).

Para o autor, a memória está associada ao esquecimento no sentido de que, se esquecemos algo a qualquer momento pode vir a memória a partir de alguma referência, seja ela um objeto, uma cena, um cheiro, uma imagem, uma música, e a partir disso podem emergir emoções, formas e sentidos que expressarão o que não é dito. A memória é seletiva, podendo então surgir do “[...] inconsciente, no silêncio, pode estar no consciente ou no subconsciente, dando a quem relata, a decisão de falar ou não, mas que pode ser evidenciada através das expressões, linguagem do corpo, como também a linguagem subentendida” (Lobato, 2014, p. 72). Podemos pensar que assim, é uma forma de proteção, muitas vezes para o que não se quer dizer, externar, para não sofrer com as lembranças do passado. Para Almeida, a memória se constitui,

[...] como instrumento de poder que rompe os silêncios, ‘acorda’ o que estava adormecido, dispara lembranças emblemáticas e simbólicas, evoca emoções e, neste emaranhado vai constituindo o sentimento de identidade individual e coletiva, como um importante ativador do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si (Almeida, 2019, p. 67).

Por meio da memória, podemos construir ou resgatar acontecimentos histórias que estão esquecidas, como se elas nunca tivessem existido, do essa história so pode ser resgatada em coletivo, no sentido de que a pessoa irá relatar acontecimentos que fez parte de sua vida bem como outras pessoas que conviveram e até mesmo a situação histórica daquela época, e esses relatos vão completando ou reforçando o que o outro já diz, dessa forma a história vai sendo construída. Para Lobato (2014, p. 67) “[...] existem múltiplas possibilidades de se construir uma versão do passado e transmiti-la de acordo com as necessidades do presente. É nesse momento, da narrativa de uma versão do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias”.

O autor acrescenta que quando se fala em memória não há garantia de que as lembranças serão descritas exatamente como realmente aconteceu, uma vez que a memória é seletiva, fatos irão surgir de acordo a experiência do indivíduo, sendo boa ou ruim, ou seja, possivelmente as recordações surgirão referente aqueles momentos em que o sujeito se identificou, que teve mais significado e relevância no seu processo de vida. E neste sentido, pode nos trazer uma auto reflexão e auto formação, gerando uma ação naquilo que faremos, contribuindo assim na formação de nossa identidade.

Somos sujeitos singular-plural, algo que estava somente comigo e decido relatar, seja oralmente ou através da escrita, passando a ser acessado por outras pessoas, ressaltando que a memória é seletiva, decidiremos falar ou não sobre determinados fatos da nossa história de vida, “quando as pessoas relatam situações de suas vidas, elas podem aproveitar para passar a limpo o passado e construir um todo coerente em que se mesclam situações reais e imaginárias” (Lobato, 2014, p. 67). Cada vez que a memória é acionada, há um deslocamento da pessoa que revive, narra, ressignifica as suas lembranças. Ou seja, podemos trazer não exatamente o cenário conforme aconteceu, mas de uma forma fantasiada, poética, romantizada, uma vez que ao ouvirmos uma história, logo viajamos em pensamento, tentando imaginar o cenário que possivelmente não é o mesmo vivenciado.

Benedetti (2022), destaca como as construções antigas pode ajudar a completar algumas falhas da memória, logo por meio do diálogo com uma pessoa que viveu uma certa trajetória de vida, podemos fazer com que esse indivíduo possa recordar momentos históricos de sua vida, que até então estavam esquecidos, promovendo assim uma reflexão e auto-reflexão sobre sua história de vida, a pessoa pode trazer uma recordação, uma rememoração de acontecimentos para outras pessoas, assim uma experiência vai completando a outra.

Segundo Souza (2007), a memória e a narrativa das histórias de vida não estão apenas relacionadas a subjetividade da pessoa, pois, para além dela existem fatores históricos e culturais que envolve essa trajetória, relatada através do ponto de vista de quem a vivenciou. Assim, ao narrarem suas histórias, cada pessoa revela as experiências vividas, recorda suas trajetórias e partilha sentidos. Neste estudo especificamente, os/as estudantes da EJAI, compartilham os seus percursos escolares, por meio da narrativa oral, expressam a representação das suas realidades, suas idas e vindas, vivências, desafios e experiências formadoras.

4 CAMINHOS PERCORRIDOS PELO ESTUDO

É fundamental refletir sobre o caminho trilhado pela pesquisa, enquanto uma ação intencional com objetivos e metodologia estruturada, que nos “[...] remete a conhecer a realidade de um dado grupo social, permitindo-nos acompanhar e com isso têm-se uma visão mais ampla sobre a realidade à qual o objeto de estudo está inserido” (Gil, 2017, p. 44). Além disso, o percurso metodológico deve ser planejado com atenção e cautela, estreitando-se a relação entre o tipo de pesquisa e o objeto a ser pesquisado. Diante disto, a abordagem qualitativa do tipo exploratória, mostrou-se mais adequada para a realização deste trabalho, uma vez que possibilitou a interação da autora da pesquisa, com as/os colaboradoras/es no seu próprio ambiente, compreendendo a realidade destas pessoas.

Nos apoiamos na narrativa, a qual se constitui segundo Benjamin (2012, p. 198) “[...] como uma forma artesanal de se comunicar, sem a intenção de transmitir informações, mas conteúdos a partir dos quais as experiências possam ser transmitidas”, em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. Para tanto, utilizamos a entrevista semiestruturada com cinco pessoas, visando adquirir informações específicas de um grupo de moradores, nativos da Comunidade Renascimento dos Negros, que frequentaram ou frequentam a EJAI, ou outros programas de alfabetização.

A proposta inicial seria entrevistar 4 pessoas, sendo 2 mulheres e 2 homens, porém no momento da pesquisa a esposa de um colaborador mostrou interesse e se disponibilizou em participar. Foi elaborado um roteiro com questões ao processo de escolarização das/dos participantes, para nortear a entrevista semiestruturada, realizada individualmente na casa dos entrevistados, sendo gravadas através do celular com a autorização dos/as participantes, para posterior transcrição. Para análise e discussão dos dados, as respostas foram agrupadas por unidades de análise, de acordo com as questões propostas no roteiro da entrevista.

As/os participantes tiveram as suas identidades preservadas, e nesse sentido, para ilustrarmos dados dos seus perfis, optamos por utilizar as iniciais dos seus nomes, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro com o perfil das/dos participantes da Pesquisa					
Entrevistado (a)	Sexo	Idade	Estado Civil	Profissão	Cor
M.N.J.S	Fem	64	Casada	Lavradora	Preta
M.P.N.S	Fem	71	Casada	Lavradora	Morena
J.P.S	Masc	64	Casado	Agricultor	Pardo
E.J.S	Masc	58	Solteiro	Lavrador	Preto
E.A.S	Fem	48	Solteira	Lavradora	Preta

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa.

Ao analisarmos o quadro acima, percebemos que as pessoas tem faixa etária adulta ou idosa e todos/as desenvolvem atividades laborais na área da agricultura, sendo que a maioria se auto declara negra. É importante situar que as/os participantes da pesquisa, pertencem a comunidade Renascimento dos Negros, localizada a 10,5 km do município de Iraquara, na Chapada Diamantina, e foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, como comunidade quilombola em 04 de abril de 2013.

As comunidades quilombolas são grupos étnicos com identidade cultural própria, trajetória histórica e relações territoriais específicas, que se autodefinem a partir de suas relações com a terra, parentesco, território, ancestralidade e práticas culturais próprias. São comunidades que surgiram e se desenvolveram em resposta à escravidão e às opressões históricas, com forte ligação com a resistência e a ancestralidade negra (Brasil, 2020).

Segundo relatos dos moradores mais velhos, a comunidade se constituiu a partir da migração de quilombolas vindos da comunidade denominada “Baixão Velho”, município de Seabra-Bahia. Na década de 1920, a **Coluna Prestes** passou pela região, sendo denominada pela população como “revoltosos”.⁴ No início dos anos 1930, buscando melhores condições de vida, a maioria dos quilombolas, encontraram na agricultura familiar um caminho para sua sobrevivência, moradores de quilombos da região de Seabra migraram para essa região formando assim uma comunidade.

⁴ A **Coluna Prestes** foi um movimento liderado por Luís Carlos Prestes. A ação contou com a participação dos jovens oficiais do Exército que fizeram parte do movimento tenentista e atuaram nas revoltas militares de 1922 e 1924. A coluna percorreu mais de 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil, denunciando os desmandos dos oligarcas que dominavam a república brasileira. Em 1927, os integrantes da coluna depuseram as armas, e Prestes se exilou na Bolívia.

O primeiro grupo a chegar, foi a família de um senhor chamado Eduardo, com isso o lugar passou a ser chamado “Rua dos Duardos”, depois a comunidade ficou conhecida como “Rua dos Negros”, pela grande concentração de negros que ali moravam, mais adiante recebeu o nome de “Rua dos Morenos” numa tentativa de impor embranquecimento forçado dos mesmos. Hoje, é reconhecida oficialmente pela fundação cultural palmares como *Quilombo Renascimento dos Negros*, onde atualmente vive cerca de 60 famílias, organizadas e coordenadas pela Associação Quilombola Renascimento dos Negros.

Em 2017, foi implementada a Educação de Jovens e Adultos na comunidade, utilizando o espaço físico da Associação de Moradores para as aulas, durante um período de 9 meses. Porém, por falta de recursos humanos e financeiros o projeto não seguiu adiante, sendo retomado em 2023, incluindo a oferta de escolarização no período noturno, com uma turma composta por 20 estudantes, vinculada a uma escola pública na comunidade vizinha, na qual os/as moradores/as têm acesso.

A maioria da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros não é alfabetizada. O que me fazia refletir em vários momentos em que construía esta escrita, recordando as minhas vivências na comunidade, e refletindo sobre a importância dos estudos para muitas pessoas que sequer sabem ler.

5 NARRATIVAS DE ADULTOS E IDOSOS DA COMUNIDADE RENASCIMENTO DOS NEGROS

Resgatar reminiscências por meio da memória é algo fundamental neste estudo, no sentido de que existe uma história por parte da pessoa que relembra, associada a uma determinada cultura ou período de vida. Entendemos que a escolarização é importante para o desenvolvimento das pessoas na sociedade, como também seu crescimento pessoal, pois todo conhecimento que adquirimos refletirá em quem somos ou queremos nos tornar, e abre novos horizontes de possibilidades. Assim, afirmo a importância de escutar um grupo de pessoas adultas e idosas da comunidade Renascimento dos Negros, suas subjetividades, formas de ver o mundo e suas experiências na EJAI. Conforme Freire (2011, p. 141), “[...] não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar”.

As narrativas são elementos fundamentais para a construção e resgate da memória dos adultos/idosos da comunidade Renascimento dos Negros, uma vez que é através delas que as

recordações vão surgindo, através dessa liberdade de poder se expressar e narrar sua própria história de vida. Para que os entrevistados(as) ficassem mais á vontade para se expressarem, decidi realizar a entrevista semiestruturada, individualmente, no conforto de seus lares, passando assim de casa em casa, com a visita agendada previamente.

Nesse sentido, utilizei o procedimento de codificação para proteger a identidade dos participantes. Após o processo de coleta de dados, realizei a leitura e análise das entrevistas e dos resultados obtidos, foram criadas unidades de análise dispostas em quadro, discutidas e analisadas.

Entendemos que a educação formal, desempenha um papel crucial na vida do indivíduo, fornecendo conhecimentos, habilidades e ferramentas essenciais para o desenvolvimento pessoal e profissional, bem como para a participação ativa na sociedade. E para os sujeitos da EJAI, torna-se fundamental, pois é a oportunidade de adquirir saberes novos e curriculares, que se mesclam aos seus conhecimentos tradicionais e de vida, possibilitando a emancipação. Sobre a importância dos estudos/as participantes declaram:

Sobre a importância do estudo	
M.N.J.S	<i>É importante para nós ter um projeto, um futuro em nossa vida, sem o estudo a gente não consegue.</i>
M.P.N.S	<i>Formar e lutar pra ter as coisas, eu nem formei nem tenho as coisas.</i>
E.J.S	<i>Para aprender questões sobre a vida.</i>
E.A.S	<i>É divertido, distrai a mente.</i>
J.P.S	<i>É importante para várias coisas da vida...Eu não estudei muito por causa que naquele tempo os pais tirava a gente pra ir pra roça...Eu estudava e ele tornava a me tirar pra ir pra roça... Era assim... Naquele tempo, toda oportunidade que tinha, eu estudava um pouco e aprendia muito!! Não é igual agora que tem que estudar muito pra aprender... Antes era o dia todo e a semana toda ai aprendia mais. [...] Estudei em Nova Redenção até 1978, uns 2 a 3 anos e depois voltei para a minha comunidade. Estudava o dia todinho, em duas semanas eu lia a cartilha e tirava de có...fazia tudo de có... Tinha a tabuada de matemática...ai fazia aquela roda de aluno e tinha aquela palmatoria... Quem perdesse na prova levava a palmatoria na mão. Os alunos se esforçavam pra não apanhar, levava palmatória na mão que ficava vermelha. Agora é diferente, a educação é outra, naquele tempo era bom mas</i>

	<i>agora é melhor. Depois fui pra São Paulo e estudei lá mais 1 ano e pouco, até a 4º série... Estudar é importante mas eu não pude concluir... Naquele tempo era complicado...mas eu sei fazer conta de somar, multiplicar, dividir, diminuir...isso eu faço tudo, só não sou formado mas sei fazer.</i>
--	---

As falas revelam o reconhecimento sobre a importância dos estudos como uma possibilidade de aprendizado, como um projeto para um futuro melhor na vida, mas também como uma atividade que promove distração mental. O Senhor JPS que estudou em Nova Redenção até 1978, por cerca de 2 a 3 anos e retornou para a comunidade Renascimento dos Negros em 1979, e relembra das dificuldades em conciliar os estudos com a imposição do pai para que fosse ajudar no trabalho na roça. Destaca ainda as exigências e punições especialmente em relação a Matemática, uma vez que os conteúdos deveriam ser decorados para serem reproduzidos pelos/as estudantes: *“Tinha a tabuada... ai fazia aquela roda de aluno e tinha aquela palmatoria... Quem perdesse na prova levava a palmatoria na mão. Os alunos se esforçavam pra não apanhar, levava palmatória na mão que ficava vermelha”*. Entretanto, ressalta que mesmo com as dificuldades familiares e as exigências da escola *“[...] Naquele tempo, toda oportunidade que tinha, eu estudava um pouco e aprendia muito!!”*.

Ainda que considerem a importância da educação formal em suas vidas, são muitas as dificuldades que por vezes impossibilitaram nossas/os entrevistados a frequentarem a escola ou interromperem os estudos em alguma fase da vida, como podemos observar os relatos:

Interrupção dos estudos em algum momento da vida	
M.N.J.S	<i>Aos 12/14 anos parei de estudar porque não conseguia estudar, por ser pobre e ter perdido a nossa mãe, daí eu ia cuidar dos pequenos. Quando fiquei adulta, tive meus filhos, tornei a achar uma oportunidade e voltei estudar na EJA. Só que não consegui....estudei uns 4 anos, falhava um ano falhava outro... E daí a velha (tia) arruinou tive que parar. Aí ela teve uma melhorazinha, e em 2003 tornei a começar estudar na EJA, ela tornou amolecer e tornei parar...e é assim... Agora mesmo era pra mim ta estudando mas não posso por causa da doença dela...Mas vontade de estudar eu tenho, da minha infância até agora foi só estudando e parando...</i>

M.P.N.S	<i>Sim...não tinha quase professor para ensinar, hoje a turma tem. Eu parei na época pois alguns se casaram e depois morreram. Não lembro que idade tinha.</i>
E.J.S	<i>Sim, por ter que ajudar meu pai nas atividades da roça tive que deixar os estudos. Estudei até a terceira série, as condições eram difíceis, mãe tinha falecido e deixado irmãos mais novos que precisavam ser amparados. Morávamos em casa de enchimento (taipa), coberta de palha e laje, a iluminação era de candeiro com querosene. Até um tempo atrás, não tinha água encanada, todos da comunidade utilizavam água de tanques de barreiro, localizados na própria comunidade. Estudei até o terceiro ano do Ensino Fundamental, pois tinha que ajudar meu pai nos trabalhos da roça, tinha aproximadamente 15 anos. A agricultura familiar foi uma atividade passada de geração em geração, e naquela época era nossa única renda, plantávamos mamona, milho, feijão, mandioca, etc. Não tínhamos renda fixa, pois dependia muito do período, se era chuvoso ou não. Não tínhamos grandes extensões de terras nem condições de plantar grandes plantações. Muitas vezes plantávamos o milho ou feijão na mesma plantação que a mamona, pois a mamona é mais tardia, aí quando fazíamos a colheita do milho ou feijão, a mamona já estava bem desenvolvida. As atividades na roça eram realizadas com o grupo familiar reunido, onde todos realizavam as tarefas. A renda de sustentação da família era a produção da roça, e antigamente a produção era maior por conta das chuvas. Fazíamos também nas casas de farinha da comunidade...Tinha um mercadinho aqui próximo, onde comprávamos alimentos, não tínhamos condições de comprar o pacote fechado. Comprávamos uma pequena quantidade na vasilha, o dono do mercado abria os pacotes e vendia em porções pequenas, porque quem poderia comprar o pacote fechado era quem tinha mais condições financeiras. Nem sempre tínhamos proteína na refeição, quando não tinha o arroz com feijão, era farinha com feijão, farinha com café, não tínhamos variações nas refeições. Apesar das dificuldades era um tempo bom de viver, em comparação aos dias atuais. Era tempos difíceis, mas era tudo diferente do que se tem hoje...Ouvia de meus pais e tias que por muito tempo eles foram perseguidos nas matas, nos canaviais pelos revoltosos, que vinham com a intenção de tomar suas</i>

	<i>terras, e assim enfrentavam grandes dificuldades de adquirir alimentos, passavam fome.</i>
E.A.S	<i>Sim, ainda na adolescência meu pai levava a gente pra capinar na roça, acordava cedo; e também engravidei, ai não tinha condições de continuar.</i>
J.P.S	<i>Sim, várias vezes, estudava um poquinho ai pai tirava pra ir pra roça. Parei quando era moleque e depois estudei no TOPA que depois acabou... Naquele tempo se pai não me tivesse tirado pra roça eu tinha formado...mas ele achava a roça mais importante.</i>

Os relatos apontam que por vários motivos os estudos foram interrompidos, ainda quando eram adolescentes; quase todos por terem que contribuir nas tarefas da roça com os pais, como também por questões familiares. M.P.N.S afirma que em razão da precária oferta de professores e do luto pela perda deles, não deu prosseguimento aos estudos. Assim como E.A.S, que engravidou no período da adolescência. Já M.N.J.S, se desdobrou com os cuidados com a tia que com a saúde frágil, e recorrentes recaídas, fez com que ela parasse e retomasse os estudos várias vezes. Mas ainda assim afirma que “[...] vontade de estudar eu tenho, mas da minha infância até agora foi só estudando e parando...”.

Em sua fala E.J.S evidencia que diante das dificuldades de sobrevivência da família e vivendo uma situação precária com os recursos que conseguiam, estudou somente até o terceiro ano do Ensino Fundamental; pois precisou ajudar o pai nas atividades da roça, além de dar suporte aos irmãos que ainda eram bem pequenos. As recordações trazidas por ele retratam muitos desafios enfrentados desde a época da sua infância, quando “[...] Nem sempre tínhamos proteína na refeição, quando não tinha o arroz com feijão, era farinha com feijão, farinha com café, não tínhamos variações nas refeições”. Contudo, a família sempre esteve unida e mesmo com estas fragilidades, ressalta que “[...] era um tempo bom de viver, em comparação ao que vivem nos dias atuais, era tempos difíceis mas era tudo diferente do que se tem hoje”.

Considerando que a alfabetização é uma etapa inicial importante no percurso de escolarização das pessoas e que as habilidades de leitura e de escrita são desafios e que certas dificuldades podem ser apresentadas, buscamos saber como se deu este processo na vida das/os participantes, obtendo como respostas:

Processo de alfabetização: leitura e escrita	
M.N.J.S	<i>Sim, sei ler e escrever um pouquinho, desde meus 18/20 anos que aprendi. Porque nos meus 14 anos eu parei mas, já sabia fazer uns garranchim. Ai comecei estudar na escola de noite, no Mobral e aprendi outro pouco e assim ia... Toda vez que tinha oportunidade de estudar um pouquinho de noite eu aprendia...só que eu nunca finalizei mesmo pra formar...mas já estudei um bocado, de pedacinho... já estudei um bocado de pedacinho (quase sussurrando).</i>
M.P.N.S	<i>Sim, estudei até a terceira série. Não retornei mais a escola, sei ler pouco mas sei, sei escrever um pouco também.</i>
E.J.S	<i>Sim, mais ou menos 6/7 anos até aproximadamente 15 anos. Em 2007 estudei no TOPA, que foi pouco tempo. Sim leio com uma frequência (pausadamente) aprendi quando ainda era criança.</i>
E.A.S	<i>Sim, quando criança comecei a estudar, ia caminhando com minhas irmãs, fiquei mais ou menos 5 anos estudando, depois estudei no TOPA em 2008. Não lembro a idade que comecei a estudar e agora estou na EJA, sei escrever mas não sei ler, aprendi a escrever meu nome na EJA.</i>
J.P.S	<i>Sei ler e escrever, comecei a estudar aos 12 anos, quando fui pra São Paulo já tinha 18. Aí trabalhava e estudava à noite... Quando voltei de São Paulo tornei a estudar com um professor que chamava Manele de Irene, era um velhinho. Isso em 1984/85, um ensino particular, onde eu aprendi mais foi sobre matemática...Ele era bom pra ensinar isso... Ah e lembrei que estudei também aqui, não tem muito tempo, quando Horácio era vereador. (Foi o TOPA?) -Foi, isso...ai depois acabou e não estudei mais não”. - Eu já estou com 64...ai eu já sei um pouco né... Acho que não tenho vontade mais não...E tá tendo estudo ainda? Tem matricula agora pra estudar? Quanto mais estudar é melhor, vai aprendendo mais. Esses dias vi uma reportagem, uma senhora de 70 anos estudando e já tava formando...</i>

Observamos que todos/as afirmaram ser alfabetizados, conseguindo ler e escrever até uma certa frequência, exceto E.A.S que afirma não saber ler e aprendeu a fazer o nome recentemente. Embora M.P.N.S não tenha mais retornado à escola, os programas voltados para

alfabetizar adultos e idosos, se tornaram alternativas na vida de M.N.J.S, que “[...] *já sabia fazer uns garranchim. Ai comecei estudar na escola de noite, no Mobral e aprendi outro pouco*”. Segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), o Mobral teve como objetivo, combater o analfabetismo e integrar os alfabetizados à comunidade. Propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, na aquisição de técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de qualificar mão de obra para o mercado de trabalho e integrar as/os estudantes a sua comunidade. Já o Programa Todos pela Alfabetização (TOPA), implementado pelo Governo da Bahia, e ofertado na comunidade em 2008, foi uma oportunidade de retorno aos estudos para E.J.S, J.P.S e E.A.S, que registraram a importância das aprendizagens mas, demonstraram decepção e tristeza com a descontinuidade do programa.

Mesmo diante das muitas situações com as quais se depararam em alguma fase das suas vidas, iniciar os estudos ou retomá-los na idade adulta ou na terceira idade, constituiu-se não só como uma oportunidade, mas sobretudo, como um desejo de aprender, como podemos observar nos relatos:

Motivação para retomar aos estudos depois de adulto(a)	
M.N.J.S	<i>Porque eu queria aprender mais, mas só que os problemas da vida, doenças na família eu não conseguir... passei a cuidar de minha tia e ai fiquei sem tempo. Toda vez que começo estudar tem que ter um problema, já chegou o dia de eu até dizer: Oh meu Deus, acho que o senhor não quer que estude igual os outros não! (risos)</i>
M.P.N. S	<i>Não tive oportunidade, também não estudei não, parei.</i>
E.J.S	<i>Tentar reforçar mais aquilo que sabia.</i>
E.A.S	<i>Apareceu a oportunidade ai deu vontade de ir, distrair a mente um pouco.</i>
J.P.S	<i>Aprender mais que é sempre bom.</i>

Fica evidente a motivação para retomarem os estudos na idade adulta: seja para aprenderem mais, ampliarem conhecimentos, ou pela oportunidade que apareceu, mesmo que fosse para “[...] *distrair a mente um pouco*” (EAS). O que nos leva a pensar que a escola e a sala de aula se constituem para ela como uma terapia para aliviar as preocupações que possivelmente tenha/tem enfrentado. Sobre estes espaços, Pires (2011, p. 121) pontua que “[...] estes locais por excelência de acesso ao saber mais elaborado, favorecem a socialização da produção coletiva do saber, como também o debate em torno das questões humanas e sociais”.

A capacidade de aprender é inata e mesmo com o passar do tempo, não chega ao fim, mesmo diante das diferentes situações vivenciadas. Apesar de seus percursos escolares terem sido interrompidos por fatores diversos, a oportunidade de retomada dos estudos se constitui como um esforço para a concretização de um sonho.

Em razão das diferentes demandas do dia a dia, e de outros fatores que podem interferir nas dinâmicas dos estudos e frequência à escola, nem sempre é possível conciliar os estudos com a assiduidade às aulas; o que pode comprometer o processo de aprendizagem.

Dificuldades apresentadas no percurso escolar	
M.N.J.S	<i>Até que eu tenho vontade e me sinto bem em estudar, eu me sinto bem quando estou na sala ehh... (fala de satisfação). Agora a dificuldade que eu tenho é quando levanto da cadeira...os joelhos já tá tudo travando, eu acho que agora se for pra mim estudar eu não estudo mais não... Naquela época não estudei, por na família. Na sala tinha dificuldades na pontuação...na conta de dividir, e o livro de ciências... Ciências, pra mim é mais difícil, pra me dar o texto pra resolver os problemas, eu não faço rápido igual o de matemática. Tem que ter ajuda de alguém.</i>
M.P.N.S	<i>dificuldade foi a matemática, pejelei... Edvaldo passava as contas e quando eu não acertava, chorava na escola, depois parava de chorar, não acertava de jeito nenhum somar...multiplicar aquelas armações não saia nada. Português eu era boa, eu dava lição de có viu! Edvaldo chegava com o livro e eu decorava a lição de có!</i>
E.J.S	<i>A necessidade de trabalhar dificultava o acesso à escola. Tínhamos que ir andando, a escola ficava a mais ou menos 10 min de caminhada. Na escola tive dificuldade na matemática, de fazer fórmulas.</i>
E.A.S	<i>As vezes vem um desanimo em arrumar pra ir, o cansaço as vezes vem por causa da labuta do dia. Tinha dificuldade de ler a palavra, consigo escrever as palavras que está no quadro mas, não sei ler. As vezes fico desmotivada porque não consigo compreender as coisas, na cabeça não entra nada.</i>
J.P.S	<i>Tirando a parte que pai sempre me tirava pra ir a roça, eu não tinha outra dificuldade não...sempre ia e gostava muito. Eu tinha a ideia boa, sempre passava.</i>

As falas indicam que a exceção de J.P.S que não apresentava problemas de aprendizagem dos conteúdos, ao afirmar que “[...] *tinha a ideia boa, sempre passava*”, as dificuldades em áreas específicas se fizeram presentes em sala de aula para as/os demais estudantes. Especialmente em matemática, com divisão e fórmulas, em português, nos aspectos de pontuação, compreensão textual e leitura, bem como na área de ciências, como destaca M.N.J.S: “[...] *pra mim é mais difícil!*” e salienta que “*Na hora que professor fala é a matemática, eu chego a rir!*” *É a que mais gosto!*”. MPNS afirma que as atividades passadas em sala de aula eram decoradas, tendo a matemática como principal obstáculo que a levava ao choro por não acertar, um peso psicológico que possivelmente estava lhe travando cada vez mais.

Para Freire e Soares (2020), a EJAI requer uma abordagem além da mera transmissão de conteúdos, envolvendo práticas que dialoguem com as experiências dos estudantes. Os relatos mostram que as dificuldades de aprendizagem não são apenas questões individuais, mas que estão interligadas a fatores externos.

Ao longo dos relatos das/dos estudantes, temos percebido que os desafios se fizeram presentes, em diferentes ordens, ou mesmo por diversos aspectos que os/as colocaram em uma situação de vulnerabilidade social. E neste sentido, as falas revelam:

Desafio(s) em relação ao estudo	
M.N.J.S	<i>O maior desafio é que eu cuido de minha tia e é uma das mais velhas da família, eu não posso deixar ela atoa pra estudar.</i>
M.P.N.S	<i>Uma vez eu senti dor de cabeça, foi ruim viu! Eu estava na escola, me soltava antes dos outros, ai ia caminhando pra casa. Depois Côla fez um molho de pimenta, pimenta malagueta e molho de feijão e nunca mais sentir aquela dor. Estava na estrada pra ir embora pra casa e vomitava, e de manha cedo na hora que levantava vomitava primeiro em jejum e passava o dia todo... Tudo que comia era pra vomitar, aquela enxaqueca mesmo. Depois desse molho não senti mais.</i>
E.J.S	<i>O Trabalho me obrigava a deixar as aulas. Agora quando era o TOPA, uma dificuldade era o cansaço do trabalho feito durante o dia, as aulas eram à noite e não era fácil trabalhar o dia todo e a noite ficar o tempo todo sentado...o sono vinha.</i>

E.A.S	<i>Não consigo compreender as coisas.</i>
J.P.S	<i>Sempre tinha, mas eu vencia...saía na hora do recreio pra brincar porque tinha que brincar mesmo neh, quando é moleque não tem jeito, mas era pouco tempo.</i>

Observamos que todos/as os/as entrevistados/as apontam dificuldades em relação aos estudos, seja por fatores familiares, de saúde física, trabalho exaustivo e sobrecarga das tarefas diárias que geravam cansaço, consequentemente desestímulo para acompanharem e frequentarem as aulas. JPS afirma que os desafios sempre tinham, mas conseguia superava, destacando que a brincadeira era um meio de resistência e superação dos problemas. Na fala do senhor EJS, o trabalho é fator desafiador tanto na adolescência (que impossibilitava acesso à escola) quanto na idade adulta, por conta das aulas noturnas, e o cansaço físico do trabalho do dia lhe perseguia até a noite, interferindo assim em sua participação e permanência na aula.

Compreendemos que as trajetórias escolares das pessoas adultas e idosas da Comunidade Renascimento dos Negros, são atravessadas por muitos fatores que de alguma forma, impactam os seus estudos. Torna-se importante que a escola busque desempenhar sua função, oferecendo um ensino significativo, que valorizem as/os estudantes da EJAI, considerando seus saberes, peculiaridades e realidades vivenciais, para que possam dar continuidade aos estudos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre a história da EJAI no Brasil, foi fruto de muitas exclusões, idas e vindas, foram criados programas e projetos, destinados às pessoas que vivem no campo, tanto para jovens como também adultos; mas é possível perceber que todos esses planejamentos foram elaborados com uma visão distanciada da realidade dos destinatários, projetos rasos que não ofereciam o suporte necessário nem mesmo os profissionais convocados necessariamente teriam que ter uma formação qualificada na área. É como se o governo simplesmente quisesse que a população aprendesse a escrever e ler qualquer coisa e assim diminuir o número de pessoas analfabetas no país, sem olhar a situação socioeconômica e cultural que estavam passando nem mesmo possibilidades para que esses indivíduos se desenvolvesse posteriormente.

É é notório perceber que as condições sociais e financeiras desses entrevistados foram os fatores responsáveis pelo seu distanciamento da educação em sua adolescência visto que sua única fonte de renda provinha da agricultura era impossível trabalhar e estudar ao mesmo tempo. A educação que receberam no período de vivência na escola de forma verticalizada travou esses sujeitos, pois todos apontam necessidades específicas, uma vez que eram sujeitos a decodificar os conteúdos que provavelmente não dialogavam com sua realidade pois se fizesse sentido não era necessário decorar algo que já faz parte do seu cotidiano não precisariam sofrer essa pressão psicológica e física quando não acertavam se houvesse o diálogo e a sensibilidade de olhar o sujeito e enxergar que por trás daquele personagem existe uma história carregada de opressões da vida.

Atualmente as políticas públicas que são oferecidas na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) é visto com diversos fragmentos tanto em sua escassez de informações fundamentais nos documentos para se ter um bom funcionamento e desenvolvimento dos conteúdos, como também a falta de investimentos, desencadeando a interrupção de algumas ações que acabam atingindo profundamente a condição social dos sujeitos envolvidos. Embora a EJA tenha conquistado marcos legais importantes, sua implementação na atualidade é marcada por contradições, a falta de diretrizes claras na BNCC e a escassez de recursos comprometem a qualidade do ensino. É necessário que lutemos não apenas por políticas públicas que ofereçam o "acesso", mas que garantam a permanência, qualidade e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla Verônica A. Currículo afrocentrado: implicações para a formação docente. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 71-86.

ALVARENGA, Marcia. Políticas de formação de educadores de jovens e adultos: disputas de sentidos e cartografia da ação. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 4, n.7, Salvador, 2016.

BENEDETTI, Adriane Cristina. Narrativas insurgentes: a história sob o ponto de vista quilombola. **História oral**, v.25, n.2, p.85-102, jul./dez, 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 01/2021**. Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Casa Civil da Presidência da República, Brasília, DF, Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

DANTAS, Fabíola Maria; PALHARES, Emanuella de Azevedo; SILVA, Francisco Canindé. A EJA em tempos de alinhamento à BNCC: reflexões no âmbito do GEPEJA. XIII Seminário Nacional de Formação de professores. **ANFOP** – 2022. Disponível em: <https://anfope.org.br/anais/index.php/anais/article/view/30>. Acesso em: 19 mar. 2025.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso: 23 abr. 2025.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Massagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.2 1, n. 55, nov. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000300005&script=sci_arttext. Acesso em: 21 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo; SOARES, Leônicio. **Educação e emancipação na EJA**: fundamentos e práticas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**, 6. ed. São Paulo, Atlas, 2017.

LOBATO, Vívian da Silva. Educação, Memória e História: possíveis enlaces. **Periódicos UFPA**, v. 8, n. 10, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/12848/Artigo_EducacaoMemoriaHistoria.pdf. Acesso em 25 abr. 2025.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil**: Educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 2009

PIRES, Marcia Gardenia Lustosa. **Novos marcos de dualismo educacional na sociedade contemporânea**: o caso do Projovem Urbano Fortaleza. 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. Salvador: Edufba, 2007.